

CAMINHOS CRUZADOS DE LITERATURA E HISTÓRIA: as vozes não podem ser silenciadas.

Paulo Ribeiro de Resende¹

Resumo

Este artigo contempla as relações entre literatura e história, com o objetivo de discutir os pressupostos críticos da metaficção historiográfica, incluindo a ironia na construção da paródia, no romance *Hiltler manda lembranças* (1984), de Roberto Drummond. Foram apontados os vestígios históricos nos meandros do texto literário, especialmente, conduzidos nas vozes das personagens. Concluiu-se que o romance estudado se enquadra nos parâmetros da metaficção historiográfica e que seu autor integra o padrão pós-modernista.

Palavras-chave: Metaficção historiográfica. Literatura. História. Romance historiográfico.

THE CROSSROADS OF LITERATURE AND HISTORY: voices cannot be silenced.

Abstract

This article contemplates the relations between literature and history, with the aim of discussing the critical assumptions of historiographical metafiction, including irony in the construction of parody, in the novel *Hiltler Manda lembranças* (1984), by Roberto Drummond. The historical traces were pointed out in the intricacies of the literary text, especially conducted in the voices of the characters. It was concluded that the studied novel fits the parameters of historiographical metafiction and that its author integrates the postmodernist pattern.

Keywords: Historiographical metafiction. Literature. History. Historiographical novel.

LA ENCRUCIJADA DE LA LITERATURA Y LA HISTORIA: Las voces no pueden ser silenciadas.

Resumen

Este artículo contempla las relaciones entre literatura e historia, con el objetivo de discutir los supuestos críticos de la metaficción historiográfica, incluyendo la ironía en la construcción de la parodia, en la novela *Hiltler Manda lembranças* (1984), de Roberto Drummond. Las huellas históricas fueron señaladas en las complejidades del texto literario, especialmente conducido en las voces de los personajes. Se concluyó que la novela estudiada se ajusta a los parámetros de la metaficción historiográfica y que su autor integra el patrón posmodernista.

Palabras clave: Metaficción historiográfica. Literatura. Historia. Novela historiográfica.

¹ Graduado em Letras pela UEG, 2007; Mestre em Ciências da Educação pela UDS – Paraguay, 2020; com revalidação pela UNIUBE, 2022. Docente na rede pública do estado de Goiás.

Introdução

A literatura, há muito tempo, deixou de ser restrita à plenitude amorosa, ao desejo de reconquistar o infinito paradisíaco, ou à nostalgia despertada pelo misterioso, nem continua sendo apresentada, ao leitor, em linguagem fiel às regras clássicas.

Nas décadas finais do século XX e no decorrer do século XXI, são colocados, à tona da linguagem literária, os problemas mais urgentes da sociedade, a sua história, bem como a história da humanidade, sob o olhar reflexivo e crítico, seja do narrador onisciente, seja do personagem narrador.

Dessa perspectiva, a literatura se tornou descortinadora dos fatos históricos que movem uma sociedade, que envolvem pessoas, e desvela os acontecimentos produzidos por homens dominados por ideologias e interesses obscuros. Não há mais espaço para o herói forjado pela narrativa oficial, nem para uma única versão dos episódios históricos.

Um dos recursos da criação literária é dar voz aos subalternos e submissos, aos explorados e espoliados por sistemas de governo ditatoriais e absolutistas. A voz narrativa que vem “de baixo” (BURKE, 1992) relata os fatos históricos, ou até mesmo, fatos do cotidiano, expressando uma crítica a partir do seu ponto de vista, da sua posição de povo. Povo que foi, ou melhor, é essencial nos movimentos históricos, mas que, oficialmente, foi deixado à margem, dando, simplesmente, respaldo aos atos e iniciativas dos representantes do poder, constituídos heróis nas narrativas tradicionais.

Essas narrativas, assim constituídas, têm um cunho histórico-crítico. A leitura é construída em conjunto com o leitor, que é despertado para novas posturas do narrador. A voz narrativa é capaz de causar, no leitor, sentimentos de surpresa, de indignação, de revolta, que são reveladores de uma consciência crítico-social, que vai se formando paralela ao ato de leitura.

Os estudos da literatura, ao longo de sua trajetória, têm travado um diálogo com outros campos do saber – com saberes afins – que têm trazido contribuições para a compreensão das questões literárias imbricadas com a vida social, com as experiências do indivíduo em sociedade.

Dessa forma, os conceitos e metodologias de abordagem de uma obra se deslocam dos

variados campos disciplinares específicos e se tornam instrumentos de estudo da literatura, instaurando trânsitos discursivos entre as áreas. A literatura, como um bem simbólico concretizado na linguagem, abre-se ao diálogo pela via da linguagem como expressão da cultura, de modo geral, mas, também, como expressão da História, no interesse deste artigo.

Dessa perspectiva, realizou-se uma leitura dos vestígios históricos nos meandros do romance *Hitler manda lembranças*, de Roberto Drummond. Primeiramente, foram apresentados os pressupostos básicos das relações entre literatura e história, do ponto de vista dos estudos pós-modernos, no caso específico, da metaficção historiográfica, destacando os procedimentos da criação literária para reescrever, criticamente, a versão oficial dos fatos históricos, despertando o leitor para a retomada crítica da história.

1- Os estudos literários e os estudos históricos

Os estudos tradicionais estabeleceram fronteiras entre as áreas do saber, da ciência e da cultura. Tais fronteiras impunham, aos estudos, limites intransponíveis, dificultando a inter-relação entre as áreas. Os marcos fronteiriços promoveram o isolamento dos campos do saber em si mesmos. Contudo, no século XX, houve grandes avanços nas ciências acerca do conhecimento do homem – autoconhecimento – como também, no desvelamento da história da humanidade no mundo. Dessa forma, as fronteiras foram rompidas e as diferentes áreas passaram a aproveitar os conhecimentos em diferentes hermenêuticas.

As fronteiras deixaram ser elemento de separação e distanciamento e se tornaram, assim, espaços de travessia entre múltiplos territórios discursivos ou textuais, entendendo travessia como ponte, como processo que dá trânsito entre o individual e o social, entre o restrito e o amplo, entre o local e o universal, entre o regional e o nacional. Esse movimento, que marca a transitividade entre espaços, também, tem propriedades temporais, pois quando interliga espaços, permite a travessia pelos tempos históricos. Tempo e espaço são duas categorias da História que, na verdade, são indissociáveis, como a literatura e a cultura, incluindo os seus elementos históricos, também, são indissociáveis.

Toda localidade tem seu espaço/tempo/região descritos ou cartografados em relatos ou narrativas que permitem identificar a história sócio-político-cultural do local. Tais narrativas, sejam de caráter mais objetivo ou mais subjetivo, estão impregnadas da presença e da

imaginação do homem. A imaginação do homem ganha expressão na linguagem que o coloca diante dos fatos, agindo ou sendo conduzido pelo desenrolar deles. Assim, essa linguagem narrativa permite reconhecer e situar, na literatura, as imagens socio-histórico-culturais que mobilizaram a história de um povo ou de uma comunidade – é a explicitação da contiguidade entre História e Literatura e Cultura.

Antônio Candido (2000) discute, entre outras, as relações entre a literatura e a sociedade brasileira². O crítico afirma que a literatura foi, até a década de 50 do século XX, o instrumento, por excelência, de investigação, descoberta e reflexão sobre o país e que consolidou seu papel no processo de construção simbólica da nação. Não obstante o seu caráter documentário, predominante na época, a literatura e o escritor foram avaliados, por meio do “critério de nacionalidade” (2000, p.116), segundo a sua capacidade de expressão da terra e da sociedade brasileiras, priorizando o dado local nos critérios de fidelidade à raça, ao meio e ao tempo histórico. Da segunda metade do século XX, em diante, a literatura retoma seu caráter ficcional e se volta à preocupação estética sem, contudo, romper com seu compromisso ético com a nacionalidade e com a história nacional, como se observa nos estudos do próprio Antonio Candido, que valoriza a função de conhecimento da ficção.

A literatura de cunho histórico apresenta um aspecto crítico, desconfiado, reflexivo; desse prisma, procura realizar a crítica dentro da sua própria estrutura, na conjuntura narrativa que autolegitima o diálogo com o leitor. O leitor é instigado a percorrer o raciocínio crítico, desenvolvido pelo escritor, em relação ao objeto do tema prestigiado na composição romanesca. Esse processo ficcional levanta questões do senso comum, problematiza, com espírito cético, fatos e situações históricas e culturais que foram, antes, aceitos como certezas e verdades indubitáveis. É, assim, um processo em que o leitor é impelido a participar, pois o caráter crítico-reflexivo da obra só se realiza mediante a atuação do leitor.

A problematização da história se dá pelo questionamento dos pressupostos sobre o conteúdo oficial do conhecimento histórico, objetivando alcançar uma reavaliação crítica da história, colocando em debate as verdades acatadas, tanto pela historiografia quanto pela literatura. A crítica é sutilmente disparada pela linguagem literária.

Da perspectiva das relações entre Literatura e História, será apresentada, a seguir, a

² Candido (2000) também coloca ao lado da ficção, o ensaio histórico-sociológico, destacando nomes e obras como Gilberto Freyre (*Casa grande e senzala, Sobrados e mocambos, Nordeste*), Sérgio Buarque de Holanda (*Raízes do Brasil*), Caio Prado Júnior (*Formação do Brasil contemporâneo, História econômica do Brasil*), como expressão da intensa pesquisa e interpretação do país.

leitura de uma obra literária que traz, em seu bojo, em sua própria estrutura, a abordagem histórica de fatos que integram a história do povo brasileiro e, por outro lado, vem imbricado com outro fato histórico que afetou a toda a humanidade. A obra selecionada para leitura crítica, neste artigo, é um romance que alerta o leitor sobre a aceitação das versões impostas, pelo sistema de poder, como verdades acabadas.

2- As revelações históricas no discurso literário

Toda leitura crítica, no campo das narrativas, é como uma viagem pelos caminhos da História e da Cultura, entrecruzados pela via da Literatura. A História é uma ciência que se ocupa em situar o homem no seu tempo histórico; a Literatura é a arte de criar, para o homem, um tempo e um espaço, que podem ser não-mensuráveis.

Tais narrativas não constituem, unicamente, os romances históricos, mas são a expressão consciente de uma literatura refletora do local, da sua história, sua cultura, mas que não se detêm em reescrever a história passada. São criações literárias reveladoras dos recursos discursivos, empregados pelos escritores, com a finalidade de criticar e/ou questionar as versões oficiais e unilaterais do discurso da História, pelo desenvolvimento da ironia, da metalinguagem, da intertextualidade, como recursos literários.

A ironia é um recurso linguístico, utilizado na criação literária, que difere e subverte o discurso histórico convencional, causando no leitor um estado de alerta sobre o discurso que relata o passado. A ironia não visa a demolição nem a rejeição da história; mas promove o questionamento reflexionante e a possível revelação do subtexto ideológico; visa a problematização daquilo que é óbvio na cultura histórica (HUTCHEON, 1991).

O emprego da ironia caracteriza o texto paródico, instaurando um jogo bem-humorado que incorpora e desafia aquilo que parodia, instalando, no espírito do leitor, a dúvida e a reflexão crítica. Ao inserir um elemento do passado histórico, num novo texto, o autor estabelece a intertextualidade com os textos que o informaram sobre a história, seja do seu país, seja do mundo.

Nesse contexto, inserimos a obra *Hitler manda lembranças* (1984), de Roberto Drummond, escritor brasileiro nascido em Minas Gerais. O perfil desse romance passa pelo privilégio literário dado à ironia na intertextualidade paródica presente em toda a obra. Roberto

Drummond se encaixa como contestador, desafiador e questionador dos padrões (anti)democráticos vivenciados no período político-social do governo militar no Brasil, ao estabelecer, numa atitude de ousadia, uma intertextualidade com a política nazista de Hitler (Alemanha – 2ª Guerra).

No discurso desse romance, não faltaram, ao escritor, argumentos literários para fazer coexistirem, na mesma obra, ficção e história, numa linguagem que dá conta dos ilimitados alcances da paródia. Fatos são criticados quando, com o objetivo de promover a reflexão-crítica, Roberto Drummond implica o Nazismo declarado de Hitler e o nazismo velado da ditadura militar no Brasil, revelando que é possível desvendar o que foi, subjacentemente, camuflado pelo discurso oficial. Nesse jogo entre literatura e história, a narrativa romanesca de Roberto Drummond pode ser considerada, como afirma White (1992, p. 98) sobre as ficções historiográficas, “como aquilo que elas manifestamente são: ficções verbais cujos conteúdos são tanto inventados quanto descobertos”.

O romance de Drummond (1984) pauta-se na versão dos fatos sob o ponto de vista das personagens, confirmando que “a maioria das sequências históricas pode ser contada de inúmeras formas diferentes, de modo a fornecer interpretações diferentes daqueles eventos e a dotá-los de sentidos diferentes” (WHITE, 1992, p. 101).

O enredo incorpora a história social e política do Brasil, nos anos da ditadura militar, relatando fatos acontecidos na cidade de Belo Horizonte - MG e no Brasil, de modo geral, ao lado de fatos do holocausto nazista acontecidos na Alemanha e na Polônia, trazidos à lembrança pela memória das personagens. A narrativa se estrutura com acontecimentos (presente) e depoimentos (passado) da vida de seis (06) personagens comuns, que enfrentam a situação contextual do emprego/desemprego, encontros/desencontros amorosos, famílias fragmentadas, manifestações públicas e artísticas, mazelas sociais, físicas e psicológicas, repressão e perseguição política, entre sonhos e desejos. O enredo situa o leitor no contexto das personagens: “Em meio a boatos, surgiram os nomes dos seis principais suspeitos de pertencerem à Lista dos 417. Eles ficaram conhecidos como ‘Os seis malditos’ e esta é a história deles (e de seus sonhos, medos, lembranças, alegrias, seus fantasmas, enfim...)” (DRUMMOND, 1984, p. 12-13).

São seis (06) pessoas envolvidas no fato central, ou seja, a demissão de 417 funcionários de uma multinacional, cuja lista a ser divulgada está encabeçada por eles, sendo o primeiro deles Paulo Franz, que assume o papel de personagem-narrador. Não há documentos históricos

inseridos no texto; mas, presente e passado são vivenciados pelo medo, suporte emocional internalizado nas personagens, que lidam, tanto com as mazelas psicológicas das suas relações com o nazismo alemão, como um fio que puxa, na voz de cada um, a sua visão da história, seus relatos, quanto os envolvimento pessoais nos contextos socio-históricos da ditadura militar brasileiro e nazista europeu, aproximando-as pela tensão e pela expectativa de um futuro desconhecido.

Roberto Drummond (re)faz o discurso histórico, sobre o passado, na voz das personagens, recusando, dessa forma, o ponto de vista oficial sobre os fatos, “interfere no registro histórico em pontos diferentes e estabelece, a respeito dele, perspectivas diferentes” (WHITE, 1992, p.57). As lembranças, como recurso memorial, não vêm na ordem em que as coisas aconteceram; a sequência narrativa, “desde aquela sexta-feira” (DRUMMOND, 1984, p. 11), é intercalada pelo vai-e-vem dos fatos históricos e por trechos de pura ficção.

A utilização da memória, pelos processos de lembrança e recordação, é um dos recursos que possibilita atribuir, à história, a verdade do sofrimento humano pela impregnação de sentimentos como o medo, a dor, a saudade, a dúvida, a curiosidade, a revolta, a vingança, a esperança, o impulso, o desejo, dentre outros. As sequências narrativas são apresentadas do ponto de vista e da interpretação daqueles que viveram o momento histórico, tanto do passado – no nazismo – quanto do presente, na ditadura militar; são testemunhas da história (DRUMMOND, 1984, p. 56):

Logo que terminou a guerra, já sabendo (mas sempre duvidando) que a irmã Miriam tinha morrido no campo de concentração de Ravensbruck e que Eva Zilberstein, a única mulher que amou e a quem permanece fiel, foi levada para a câmara de gás do setor feminino de Auschwitz, Cohen fixou-se em Paris [...] (DRUMMOND, 1984, p. 16-17).

[...]

... deixávamos para trás (como se fosse um outro país) a realidade de 1973: o medo, a insegurança, a inútil revolta, o desespero, a tristeza, a angústia, e a sensação de que tudo ia durar a vida inteira e que o Ditador de olhos azuis como miosótis e nariz de pássaro era eterno. Todas as resistências, armadas ou não, tinham sido liquidadas e seus líderes estavam mortos, banidos, exilados, cassados, presos ou emudecidos. A censura silenciava o Brasil (idem, p. 56-57).

A operação literária da ficção de cunho histórico revela a configuração das situações históricas ficcionalizadas. A ficção de *Hitler manda lembranças* familiariza o leitor com os acontecimentos que seriam, aos poucos, esquecidos por acidente, desatenção ou recalque, que seriam apagados da memória e da história da humanidade. Essa re-familiarização fornece mais informações sobre os fatos históricos apresentados sob a perspectiva dos não-heróis, ou melhor, das vítimas:

Quando soube da Lista dos 417, Cohen comentou:

– Depois de ter estado em Auschwitz e em Buchenwald, nada mais me assusta...

Mas, como se verá, Cohen estava mais uma vez enganado, da mesma forma que se enganou quando desceu do comboio que o levou de Varsóvia a Auschwitz e acreditou que os nazistas iam libertá-lo (DRUMMOND, 1984, p. 17).

As memórias das personagens Cohen e Stela (DRUMMOND, 1984, p. 29, 46, 48, 64), sobre o nazismo de Hitler contra os judeus, “obrigam o leitor a ver sob nova luz elementos que ele esqueceu mediante uma associação constante, ou que ele reprimiu em virtude de imperativos sociais” (WHITE, 1992, p.58). As lembranças mandadas por Hitler estão em todo o decorrer da narrativa; seja nos fatos e atitudes históricos da recessão militar brasileira ou por parentesco e proximidade das personagens acerca do horror nazista; são testemunhas que fornecem os elementos para a composição do enredo, possibilitando, ao leitor, o acesso a um conhecimento da história pela luz da ficção.

A retomada crítica da história, denominada metaficção historiográfica, segundo White (1992, p. 57), “livra-se da necessidade de construir um enredo com heróis e vilões” à maneira tradicional. Assim, podemos dizer que Drummond subverte o sistema político-social em vilão e as personagens não são hierarquizadas com posições de importância ou poder, mas, ao contrário da versão oficial, todas elas merecem vez e voz dentro da obra. Elas se destacam por serem pessoas da comunidade, batalhadoras, sofredoras, vítimas, contudo, são, também, trabalhadoras e lutadoras pela sobrevivência, tanto do âmbito pessoal quanto do social, dos direitos comuns.

Diante da regra de que “ao resto da humanidade foi destinado um papel secundário no drama da história” (BURKE, 1992, p. 12), Roberto Drummond reage, transgredindo-a ao narrar

a “história vista de baixo”, ou seja, as versões das pessoas comuns que opinam de acordo com sua experiência da mudança social, naqueles momentos históricos, com sua vivência pessoal que é, no entanto, a expressão da coletividade, é a voz pessoal que ecoa a voz coletiva do povo oprimido pelo poder.

Drummond, ao transformar a sua narrativa romanesca em veículo das variadas vozes, comprova que não há uma única visão correta da história, mas várias; cada uma com seu estilo, diferentes orientações de ordem afetiva e intelectual ao olhar o passado.

Buscamos em Hutcheon o argumento para entender as personagens protagonistas de Drummond: “podem ser tudo, menos tipos propriamente ditos: são os ex-cêntricos, os marginalizados, as figuras periféricas da história [...]; não são representantes de coisa alguma” (HUTCHEON, 1991, p. 151), só vivem a sua história que, no entanto, é imbricada com a história político-social das nações.

O mundo, criado no enredo da obra que mescla história e ficção, é afirmado pelos escritores como deliberadamente fictício e, apesar disso, é, ao mesmo tempo, inegavelmente histórico. Essa relação entre história e ficção é puramente discursiva: “aquilo a que a história se refere é o mundo real; aquilo a que a ficção se refere é um universo fictício” (HUTCHEON, 1991, p. 185). A textura do romance de Drummond recusa a separação entre a referência ficcional e a referência dos relatos do passado histórico. O narrador se coloca como aquele que não interfere no curso dos fatos e acontecimentos; simplesmente narra, conta, relata, consciente de que constrói uma narrativa impregnada de veracidade histórica e de literariedade.

O romance de Drummond tem a narrativa estruturada de forma a desestruturar a tradicional divisão em capítulos; o autor insere os elementos de uma apresentação narrativa convencional, mas depois os subverte.

O espaço é instalado de forma referencial, numa linguagem que permite a visualização fotográfica da cidade de Belo Horizonte (MG), onde se passam os acontecimentos do presente (DRUMMOND, 1984, p. 97); por outro lado, o leitor é remetido a outro espaço pelas lembranças das personagens, que viveram o horror nazista nos campos de concentração, nas ruas de Berlim e de Varsóvia, nos guetos. O contexto da ditadura militar foi inserido na página 12 e o contexto nazista foi inserido na página 16 (DRUMMOND, 1984). Esses fatos históricos de época e lugares diferentes são entrecruzados na vida dos seis (06) protagonistas.

O tempo está centrado numa sexta-feira e se desenvolve, posteriormente, de duas perspectivas, ou seja, de forma precisa e cronológica, pela apresentação de datas, horas e

minutos, e de forma imprecisa, no vai-e-vem das lembranças e recordações das personagens. Assim, a distância entre passado e presente tende a desaparecer, pois o passado não está morto, a história continua.

O dia D, 21 de dezembro, é o tempo em que “Hitler manda lembranças”. Essa expressão, que dá título ao romance, esclarece o engano de quem pensa que o tempo de Hitler passou. Não passou. Todas as coincidências entre os acontecimentos desse dia e o período nazista revelam isto. Embora o fato anunciado e esperado – a publicação da lista dos demitidos pela empresa – tenha se concretizado em 21 de dezembro, o medo e a memória histórica não têm fim, pois estão incrustados no âmago das pessoas, não há como retirar ou desfazer as marcas da sua existência. Na voz de Stela, uma das protagonistas, podemos captar a profundidade dessas marcas memoráveis:

- Não, eu não posso esquecer, entende? – disse Stela. – Nunca vou esquecer que Hitler existiu e do ele fez! Nunca!
- Mas assim, Stela, Hitler acaba te punindo mais uma vez – eu falei. – Hitler puniu seu pai e sua mãe, puniu você quando vivo e, agora, depois de morto, pune você outra vez...
- Quem disse que Hitler está morto? – falou Stela. – Ele está vivo, apenas usa outros nomes e disfarces, mas Hitler continua vivo... (DRUMMOND, 1984, p. 46).

Com o recurso literário que permite dar voz às personagens, para tornar mais inteligíveis os conflitos do período da repressão militar no Brasil e/ou os lastros do nazismo pelo mundo, o romancista narra os episódios de mais de um ponto de vista, exprimindo tanto a perspectiva coletiva quanto individual sobre os fatos históricos. O romancista historiográfico deve ter a percepção clara de que o seu trabalho é uma representação artística do que aconteceu e não uma reprodução dos fatos. Para que isso se torne uma oportunidade de conscientização dos leitores, como afirma Burke: “as formas tradicionais de narrativas são inadequadas” para mostrar ao leitor que “outras interpretações, além das suas (do narrador histórico), são possíveis” (BURKE, 1992, p. 64). Essa estratégia literária possibilita um tipo de conhecimento multi-interpretativo sobre a história reelaborada dentro da ficção.

No processo crítico-criativo de Drummond, o texto literário se revela como uma rede de relações com outros textos, coexistindo, em sua estrutura, “um cruzamento de superfícies” textuais que compõem a intertextualidade. Essa malha intertextual pressupõe o envolvimento

do autor, do leitor e dos textos resgatados e inseridos, parodisticamente, na obra. A inserção de textos se dá pela leitura da ficção, não como reprodução fiel. Esse artifício criativo permite, ao escritor, produzir a sua reflexividade crítica sobre fatos e estruturas históricas, com a figura da ironia. A atividade reflexiva exige sintonia com um leitor também reflexivo, um leitor/fruidor que interage com a obra, por meio da reflexividade.

Na intertextualidade, exercitada em *Hitler manda lembranças*, a história do regime militar no Brasil – do qual Drummond foi contemporâneo – é problematizada, questionada e criticada pela reflexividade crítica colocada no tom da ironia e da paródia. Isso se deve a um fazer literário bem-humorado que expressa a relação paradoxal com a História, em seu aspecto rígido e sisudo, sem deixar desvanecer a seriedade da obra: “A inclusão da ironia e do jogo jamais implica necessariamente a exclusão da seriedade e do objetivo na arte pós-modernista” (HUTCHEON, 1991, p. 48).

Ao leitor, em uma leitura intertextual, cabe o reconhecimento dos vestígios do passado literário e histórico, mas, principalmente, é exigida dele a percepção do trabalho de reescrita feito, por meio da ironia, a esses vestígios. O tom irônico constitui uma ampla paródia, que ativa o passado em um novo contexto e que exige, do leitor, conhecimentos e memória histórica. Roberto Drummond busca o leitor para, com ele, elaborar sentidos a partir de uma linguagem comum sobre o tema histórico-social, construindo uma crítica reflexionante da situação político-social, no Brasil, nos anos duros da ditadura militar, intencionando desvendar as diversas faces da verdade.

Considerações finais

A habilidade de Roberto Drummond em lidar com a história político-social do Brasil põe em destaque o fato de que o povo brasileiro tem um passado que deve ser repensado em termos críticos. A opção do autor por relacionar a fase da ditadura militar do Brasil ao horror nazista, fato, talvez, o mais vergonhoso da história da humanidade, faz de sua obra um grito ideológico. O que era previamente considerado assunto indiscutível, assunto intocável, assunto pronto e acabado, é, por ele, tratado com ironia crítica, com sutileza literária.

Diluída, em toda a obra *Hitler manda lembranças*, está a ironia que, reconhecida como recurso retórico da paródia, contribui para a instalação do romance de Roberto Drummond no

contexto da literatura pós-moderna como obra contestadora, questionadora, subversiva dos padrões tradicionais, contudo, caracteristicamente criativa e reflexionante.

O espírito desafiador, na construção literária de Drummond, coloca, num embate ininterrupto, a história passada e presente, em seus aspectos coletivo e individual, relatando fatos do presente e rememorando os do passado, numa atitude que marca a condição de reflexão sobre a história social e política do seu país – o Brasil – e do mundo atingido na Segunda Guerra pelos atos nazistas.

O leitor é envolvido nesse processo de leitura reflexionante, que exige dele conhecimentos e o leva a questionar as verdades históricas estabelecidas pelo ponto de vista e pelos interesses do poder oficial. Tal procedimento de criação e, conseqüentemente, de leitura direciona o leitor a uma reavaliação dos fatos e atitudes que constituem a história, mas não os nega, nem duvida da sua existência e importância.

Hitler manda lembranças é obra de um escritor de visão engajada em seu momento histórico e social. Pode-se confirmar a conjunção das verdades históricas com a criação literária autônoma de Roberto Drummond, a quem rendemos agradecimentos pela contribuição cultural e histórica.

Referências

- CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: T. A. Queiroz Edições, 2000.
- BURKE, Peter. *A escrita da história*. São Paulo: Novas Perspectivas, 1992.
- DRUMMOND, Roberto. *Hitler manda lembranças*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- WHITE, Hayden. *Meta-história*. São Paulo: EDUSP, 1992.